

PAISAGENS DESVELADAS E (RE)CRIADAS PELAS ARTES: O TERRITÓRIO IDENTITÁRIO DO CONTESTADO

Landscapes revealed and (re)created by arts: the identitary territory of Contestado

Nilson Cesar Fraga¹

Heitor Matos da Silveira²

Resumo

A tradição positivista acabou por distanciar ciência e arte, acusando-a de ser puramente fictícia e de não utilizar procedimentos e métodos ditos científicos. Esta dicotomia não se fundamentou de forma concisa no seio da ciência geográfica, onde os geógrafos tiveram o cuidado em considerar obras literárias enquanto documentos para se estudar regiões, paisagens e lugares. O crescimento da corrente humanista na Geografia propiciou um alavancar mais contundente da relação entre geografia e arte, buscando na poesia, cinema, música, literatura e fotografia, caminhos para se pensar e fazer geografia. Com isto, no presente ensaio, busca-se nas artes (cinema, teatro e pintura) caminhos para desvelar a invisibilidade atual que se verifica a Guerra do Contestado, um dos maiores massacres ocorridos no território sul do Brasil; nesta imbricação entre arte e geografia, busca-se trazer à tona paisagens e territórios vividos, por entre movimentos e cores!

Palavra-chave: Geografia e Arte; Território; Guerra do Contestado.

Abstract

The positivist tradition ended to distanciate science and art, claiming that this one would be only fictional and for not using procediments and methods called scientificals. This separation hasn't fundamented in the core of geographic science, where geographers were worried to consider literature as documents to study regions, landscapes and places. The develop of humanista current in Geography propitiated a alavancar more contundente in the relation between geography and art, searching in poetry, cinema, music, literature and photography ways to make and think geography. With this, in the presente essay, aims in arts such cinema, teather and painting ways do reveal the invisibility that concerns to the Contestado's War nowadays, one of the biggest massacres occurred in South territory of Brazil; in this imbrication of art and geography, we seek to bring landscapes and lived territories, between movements and colors.

Keywords: Geography and Art; Territory; Contestado's War.

¹ Geógrafo. Doutor em Geografia. Bolsista Produtividade PQ2/CNPq. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Londrina. nilsoncesarfraga@pq.cnpq.br

² Graduando em Geografia. Bolsista CNPq/IC. Universidade Estadual de Londrina. heitormsilveira@outlook.com

INTRODUÇÃO

O texto que segue visa traçar um olhar reflexivo-geográfico sobre as imbricações que envolvem, a questão da arte, dos territórios e das espacialidades no geográfico. Para tanto, e considerando o ano do centenário do início da Guerra do Contestado, se usou de algumas produções artísticas sobre a temática desta Guerra, com obras produzidas em Santa Catarina e no Paraná, estados envolvidos na trama e palco das operações militares, entre 1912 e 1916.

A noção de espacialidade foi se alargando com o desenvolvimento da historiografia do século XX: do espaço físico ao espaço social, político e ao imaginário, e daí, até a noção do espaço como “campo de forças” que pode inclusive reger a compreensão das práticas discursivas.

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (SANTOS, 1996, p. 61).

Nas Artes, a paisagem surgiu com a pintura, e assim despertou um interesse pela natureza na antiguidade. “Até o século XVIII, a paisagem era sinônimo de pintura. Assim, foi na mediação com a arte que o sítio (lugar) adquiriu estatuto de paisagem.” (ROSENDAHL; CORRÊA, 2000 apud SALGUEIRO, 2001).

A paisagem é o reflexo e a marca impressa da sociedade dos homens na natureza. Ele faz parte de nós mesmos. Como um espelho, ela nos reflete, ao mesmo tempo, ferramenta e cenário. Como nós e conosco, ela evolui, móvel e frágil. Nem estática, nem condenada. Precisa-se fazê-la viver, pois nenhum homem, nenhuma sociedade, pode viver sem território, sem identidade, sem paisagem (BERTRAND, 2009) – e sem arte, pois a arte exprime todas as paisagens possíveis e até as impossíveis e inimagináveis (FRAGA, 2012, durante a palestra).

GEOGRAFIA E A APROXIMAÇÃO COM A ARTE

Uma das principais críticas realizadas à ciência positivista se fundamenta em seu afastamento completo de tudo que não fosse “científico”. Esse afastamento de conhecimentos considerados não-científicos e, até mesmo, fictícios (como da literatura, cinema e poesia), censurou a aproximação entre ciência e arte durante anos das práticas científicas. Este distanciamento se deu, principalmente, pela ciência estar impregnada de um entendimento racional e crítico, enquanto se considerava a arte e a literatura fomentadas por

uma ficção. A referida dicotomia perdurou, mantendo-se, também, durante o período da modernidade. (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010).

A referida dicotomia atingiu de forma menos intensa a ciência geográfica, principalmente em decorrência de importantes geógrafos terem reconhecido a importância da literatura, principalmente, para a leitura geográfica regional, de paisagens e de lugares. Dentre estes, pode-se destacar John K. Wright (1924), Pierre Monbeig (1940), Fernando Segismundo (1949) e Yi-Fu Tuan (1974). (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010).

A aproximação entre geografia e arte se deu, principalmente, com a fundamentação e a consolidação de uma geografia permeada pelo humanismo, orientada pela fenomenologia de Edmund Husserl (MARANDOLA JR., 2005) Essa nova geografia, eminentemente crítica e renovadora, buscou, antes de tudo, o entendimento do mundo humano, estudando a relação das pessoas com a natureza, assim como seu comportamento geográfico e sentimentos e ideias para com os espaços e os lugares³ (TUAN, 1982). A Geografia Humanista, portanto, permitiu uma aproximação ainda mais intensa com as *humanitas* (artes, literatura e filosofia), colocando o ser no espectro da ciência geográfica (MARANDOLA JR., 2005).

A necessidade da reaproximação com as artes é, antes de tudo, a resistência e uma das críticas impostas pelos filósofos ao positivismo de Descartes. Gaston Bachelard criticou o cientificismo, não se opondo totalmente ao racionalismo mas, sim, repensando-o e entendendo a necessidade de reaproximar a ciência da arte, por intermédio da poesia, colocando ciência e arte enquanto elementos que se complementam na formação do conhecimento e do sujeito, não sendo, estes, excludentes (MARANDOLA JR., 2005; CESAR, 1986; BARBOSA; BULCÃO, 2011; BACHELARD, 1996).

Para Cássio Eduardo Viana Hissa a arte é, assim como a ciência, dotada de métodos e procedimentos científicos, e eminentemente científica, ao passo que a própria ciência em si exige mentes criadoras e da imaginação para o seu desenrolar (HISSA, 2006), principalmente por que arte é pensamento (NOVAES, 1994).

Há, assim, preocupações por parte dos geógrafos em buscar nas artes o conhecimento geográfico, seja ele pela via da literatura (SEGISMUNDO, 1949; MOTA, 1965; BROUSSEAU, 2007; MARANDOLA, 2006; 2010; MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009; MONTEIRO, 2002), da música (SILVEIRA, 2014; CARNEY, 2007; MELLO, 1992),

³ A busca na categoria lugar enquanto essência geográfica é herança da Fenomenologia proposta por Husserl, onde o lugar seria, no seio da geografia, a categoria geográfica que expressa a essência, por ser o centro das representações e significados que o homem dota ao espaço (RELPH, 1986).

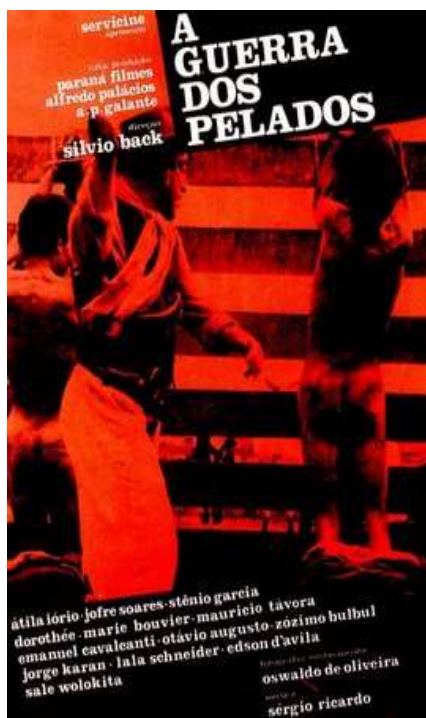
poesia (SOARES, 2010; 2012; GRATÃO, 2010; FEITOSA, 2012), do cinema (OLIVEIRA JR., 2012), pintura (SEEMAN, 2009), dentre outros.

Buscaremos, no presente artigo, desvelar como as artes (cinema, pintura e teatro) (re)criam paisagens e territórios vividos, tendo a Guerra do Contestado no contexto, ao passo que esta Guerra vem sendo silenciada, seja pelo governo, como pelos livros didáticos e, tais artes, são capazes de trazer à visibilidade a invisibilidade que se encontra, atualmente, a Guerra do Contestado.

PAISAGENS ARTÍSTICAS: DESVELANDO O CONTESTADO

Como a literatura, o cinema tem o poder, próprio da obra de arte, de representar no presente, no “aqui” e “agora”, entrecruzando “realidade e irreabilidade”, “verdade e fantasia”, reflexões e devaneios em suas narrativas. A representação apresentada no cinema é o presente do espectador no momento que compactua e interage com a tela, fundindo-se o tempo da representação como o do espectador.

Figura 1 - Cartaz do filme "A Guerra dos Pelados" de Sylvio Back



Fonte: Sylvio Back, 1971

Diz Sylvio Back (2012, p. 469) “talvez eu seja, com este "O Contestado – Restos Mortais", o primeiro cineasta brasileiro a fazer um novo filme sobre o mesmo tema, com pegada paradocumental, e não ficção pura como "A Guerra dos Pelados", para desfazer equívocos pessoais

dados e, na outra ponta do pensamento, alumando novos meandros históricos sobre e em torno da Guerra do Contestado.

Figura 2 - Cartaz do Filme "O Contestado: Restos Mortais" de Sylvio Back



Fonte: Sylvio Back, 2012

Back (2012, p. 470-471) ainda e recentemente, nos debates após a exibição de "O Contestado – Restos Mortais" no Festival de Gramado (RS), grande parte do público, jornalistas, críticos, se declarou surpreso com a efervescência e a brutalidade institucional, política, sociológica e castrense dos acontecimentos que se sucedem na tela, reconhecendo que jamais tinham ouvido falar no Contestado! O susto maior, inclusive, acabou reservado para a amperagem terrorista que presidiu os embates armados entre rebeldes, tropas do Exército, milícias de jagunços do coronelato regional, e a polícias militares de Santa Catarina e do Paraná, algo nunca visto no Brasil nem antes nem depois.

Figura 3 - Capa do DVD do documentário "Olhar Contestado: desvendando códigos de um conflito" de Fabiane Balvedi



Fonte: Fabiane Balvedi, 2012

O documentário, *Olhar Contestado, desvendando códigos de um conflito* é um filme brasileiro, sobre o centenário da Guerra do Contestado (1912-2012), produzido utilizando Software Livre⁴.

O cinema aproveita elementos das demais artes: pintura, arquitetura, literatura, música, dança, etc. para criar uma nova forma de arte. [...] Mas, se o cinema é ‘arte síntese’, não é, por isso, parasita dessas outras artes, e sim uma arte autônoma, integrando elementos daquelas artes numa verdadeira síntese sinfônica. As ‘imagens’ no cinema não são da mesma natureza que nas artes plásticas. Neste, são imagens ‘luminosas’, resultantes de feixes de luz, e são imagens ‘em movimento’, portanto, mais vivas e dinâmicas. “[...] O cinema pode servir-se das demais artes. A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (JUNKES, 1979; BENJAMIN, 1994).

⁴ O Projeto foi documentado em um Blog do Estúdio Livre, pode ser assistido em: http://estudiolivre.org/tiki-view_blog.php?blogId=254.

A imagem é um elemento recorrente na geografia. Ela não é exatamente a realidade do espaço, é apenas uma manifestação deste, uma representação efêmera e aberta. Sua complexidade nos obriga a tecer cruzamentos com outras áreas do conhecimento tais como as artes literárias, as artes plásticas, a filosofia da percepção e a fisiologia do olhar e do compreender. As categorias geográficas de *lugar*, *paisagem* e *território* constituem intermediações possíveis entre a imagem e o espaço real. Mas o corpo insere-se nos lugares, esquadrinha os territórios, compara paisagens, tece a realidade vivida (MARQUEZ, 2006) A partir de Marquez (2006), se abre uma breve leitura sobre algumas obras de arte de artistas que pintaram o Contestado, as que seguem.

O que falar de tão importante pintor catarinense? Muito haveria, mas as obras que ele deixou sobre o Contestado são sublimes e cheias de vida o suficiente para detalhes analíticos. Zumblick fez do Contestado vida, por meio de telas que permitem ver e estar nas paisagens do planalto catarinense, assim como verificar detalhes do modo de vida simples, do povo caboclo planaltino.

Figura 4 - "O Milagreiro Monge João Maria" de Willy Zumblick



"O MILAGREIRO MONGE JOAO MARIA"
Óleo sobre tela, 160 x 140cm, 1996

Fonte: Willy Zumblick, 1996

Peixe (2012) comenta que o universo pictórico de Zumblick, na sua série “O Contestado”, mapeia não apenas o contexto histórico, cujo resultado se prefigura em telas que episodeiam aspectos pontuais do conflito. Em suas produções, as fronteiras históricas são ultrapassadas, ao plasmar em formas e cores o testemunho artístico acerca de um fato.

Assim, através de sua investigação iconográfica, Willy Zumblick nos convoca a também sermos intérpretes, dividindo conosco a sua experiência pictográfica e integrando os elementos narrativos que emergem da sensibilidade, riqueza visual e habilidade técnica com que orchestra suas composições. Não obstante, figurativiza aspectos que refletem o contexto da época, tal como podemos situá-lo, a partir de uma breve incursão naquele que foi um dos mais sangrentos episódios que a região Centro Oeste de Santa Catarina protagonizou (PEIXE, 2012).

Figura 5 - "Conselho de Guerra - Monge José Maria" de Willy Zumblick



"CONSELHO DE GUERRA - MONGE JOSÉ MARIA"
Óleo sobre tela, 140 x 160cm, 1982

Fonte: Willy Zumblick, 1982

Importante mencionar, que as telas sobre a Guerra, a Cultura e a Região do Contestado, para Zumblick, são sempre cheias de luz, como se brotassem relampejos de vida, rompendo o silêncio e a invisibilidade do tema.

Outra artista plástica catarinense, Márcia Elizabete Schuler descobre o Contestado e o Contestado vira arte a partir da sua alma, do seu olhar de cidadã contestadense, mais do que da de técnica da arquitetura, mesmo que suas obras arquitetem o mundo do Contestado, onde, segundo ela própria, nesta busca surgiu a história “velada” e pouco conhecida do Contestado.

Algumas informações aqui, um livreto acolá, uma conversa desinteressada e diante de mim apareceu uma das maiores tragédias brasileiras, a maior guerra civil brasileira, aqui, sob meus pés, e eu mal sabia... Na escola, nunca

foi sequer comentado, ou se foi, mal ricordo... Lembro, sim, que tive de decorar datas e nomes famosos de Canudos, dos Emboabas, dos Mascates, de conflitos no Norte e Nordeste do país, mas da “minha” guerra... silêncio... (SCHÜLER, 2012, 442-443).

Nessa representação do Monge São João Maria, Márcia Schuler enriquece de luz a figura do profeta dos caboclos e das caboclas do Contestado. Sobre uma base, ou chão, multicolorido, o Monge aparece na forma mais clássica, com as pernas cruzadas e segurando-as com as mãos. No fundo aparecem vultos de pessoas, como se fossem seus fiéis, com destaque para o grande círculo que parece representar a luz do rompimento da invisibilidade ou a côrte celeste que faria as pessoas, de então, ter uma vida de paz.

Figura 6 - "O Monge" de Márcia Elizabete Schüler



Fonte: Márcia Elizabete Schüler, 2012

Na aquarela do Trem de Sangue, Márcia Schuler consegue muito bem demonstrar o rastro de sangue deixado pela implantação violenta da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. A fumaça deixada corresponde aos dizeres do Monge, que havia mencionado, quando de uma das suas passagens pelo Contestado, que um dragão de aço cuspidor de fogo rasgaria a floresta de Araucária, rompendo o modo de vida simples do sertanejo, desgraçando sua vida.

Figura 7 - "O Trem de Sangue" de Márcia Elizabete Schüler



Fonte: Márcia Elizabete Schüler, 2012

O empilhamento de cruces, na parte central da tela, resume parte do que foi a Guerra do Contestado, causadora do genocídio de milhares de caboclos e caboclas do planalto catarinense, entre os anos de 1912 e 1916. Essa aquarela, ainda, permite observar as toras de madeiras largadas nas margens da ferrovia, que bem representam a entrada da organização capitalista na região.

Segundo a própria artista plástica sua própria leitura sobre a aquarela, denominada, Fé e Esperança Cabocla, cujo Monge aparece no centro, diz ela que, a maioria minhas aquarelas expressam meus sentimentos mais dolorosos e profundos pelos acontecimentos atroztes que ocorreram durante a Guerra.

Quando estava finalizando a série que iria ser exposta nos eventos dos 100 Anos da Guerra, pela primeira vez senti vontade de colocar no papel a figura do Monge, e ele veio...colorido, cheio de vida e luz, representando para mim a fé do nosso povo e a esperança em dias justos e melhores. esta foi uma aquarela festiva, com cores e formas que envolvem a figura do monge, como se fossem as orações e os pedidos do povo (e meus também) por justiça, por reconhecimento e visibilidade... eu acabei não concluindo a obra: quem a concluiu foram mini gotas de chuva que em determinada noite caíram sobre o trabalho, por uma janela que ficou aberta enquanto chovia... A figura do Monge ficou praticamente intacta, pois as gotas de chuva texturizaram apenas o seu entorno... mais uma vez me pareceu que a fé e a esperança se fizeram presentes de alguma maneira, marcando meu

trabalho (SCHÜLER, 2012, informação pessoal)

Ao falar sobre a aquarela do Trem de Sangue, Márcia Schuler comenta que, o trem de sangue nasceu a pedido deste autor, para ilustrar a provável capa de uma edição de seu livro Vale da Morte, mas que acabou sendo usada outra imagem, por exigência da editora. O trem é o grande dragão que vem arrasando tudo e cuspidando fogo. No rastro do trem tem cheiro de morte, bem mais forte que o odor do progresso que tentava justificar a invasão do nosso chão. O trem engolia as vidas, o sangue escorria pelo seu caminho... soltava fumaça que escondia o sol caboclo, carregava a madeira das árvores que tinham sido até então a grande riqueza e proteção natural da vida o trem vem de encontro a quem olha... já vem antes dele o prenúncio da violência representada pelo sangue que escorre pelos trilhos as cruces, a madeira cortada... tudo é morte.

A peça dirigida por Jorge Zamoner e interpretada pelo Grupo Toca de Teatro esteve no palco do Teatro Alfredo Sigwalt. A apresentação faz parte de um projeto que lembrará o centenário do conflito, deflagrado em 1912 no Meio-Oeste catarinense. Com figurino e cenário cuidadosos, a peça conta os detalhes da revolta cabocla, relata o contexto histórico, político e social da região no período de guerra e resgata os costumes, linguagem e religiosidade da população local, trazendo como centro da narrativa a trajetória do personagem João Maria, líder dos rebeldes contra o Exército do Governo Federal (LIMGER, 2012)

De autoria do dramaturgo, músico e historiador Romário Borelli, o espetáculo foi montado pela primeira vez na década de 70, em Florianópolis. Fez carreira nos anos 80, quando foi apresentada em algumas cidades brasileiras, se tornando o principal veículo de divulgação dessa parte importante da história. Em 2007 ganhou nova montagem pelo Grupo Toca de Teatro Universitário da Unoesc, composto por mais de quarenta atores, sob a direção do professor e ator Jorge Zamoner (LIMGER, 2012)

No espetáculo, são reveladas as origens do conflito, chamando a atenção para o modo de vida da população cabocla e o impacto da chegada da ferrovia São Paulo - Rio Grande, que resultou na desapropriação de terras como parte de um contrato celebrado entre a empresa construtora e o Governo Federal. Numa área de mais de trinta mil quilômetros quadrados, instalaram-se várias aldeias de caboclos revoltados, que logo foram cercados pelas forças do Exército e gradualmente exterminados, numa guerra que se estendeu por quatro anos e deixou um saldo de aproximadamente 20 mil mortos (LIMGER, 2012).

O projeto “Centenário da Guerra do Contestado” produzirá ainda um documentário itinerante, com base na obra, que percorrerá escolas da região do Contestado,

além de uma biblioteca virtual, intitulada "Memorial Virtual do Centenário da Guerra do Contestado", que reunirá documentos e produções alusivas ao conflito histórico (LIMGER, 2012).

Figura 8 - Monge falando ao povo



Fonte: Nilson Cesar Fraga, 2012

Na peça “O Contestado”, do Grupo Toca de Teatro Universitário da UNOESC, de Joaçaba, SC, se faz possível “viajar” pelo território cultural do Contestado, trazendo e contando a história do Contestado, que por meio da resistência e luta cabocla marcou muitos territórios no Sul do Brasil.

A cada apresentação fora de Joaçaba a equipe de produção e direção se supera, porque é preciso montar uma verdadeira estrutura teatral e buscar soluções para lugares que, muitas vezes não dispõe de lugares com os recursos necessários (varas, pernas, camarins, bastidores, cochias etc.). Além é claro, do trabalho de transporte de cenário, figurinos, elenco, iluminação etc. é uma baita estrutura, uma grande dedicação, que é totalmente recompensado pela magia, adrenalina e realização de poder compartilhá-lo com o público (TOCA, 2012).

As duas fotografias que seguem, foram tiradas durante a apresentação do Grupo Toca, em Curitiba, PR, em 2009. Na primeira se verifica uma mãe dialogando com um filho morto durante um combate no Contestado, essa se caracteriza como uma das cenas mais forte e contundentes do espetáculo, pois permite viajar com os artista até o local do combate e ver a dor da perda e os danos causados por uma guerra secular, que só a arte permite sentir.

Figura 9 - Diálogo da mãe com o filho morto



Fonte: Nilson Cesar Fraga, 2012

A segunda imagem mostra o momento da morte do Monge José Maria, no Banhado Grande, no Faxinal do Irani, em outubro de 1912 – é um dos momentos mais densos da peça, pois a partir da morte do mesmo, há um cortejo, quando os artistas caboclos, carregam o corpo do Monge.

Figura 10 - A morte do Monge



Fonte: Nilson Cesar Fraga, 2012

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho pedagógico na disciplina de Geografia precisa permitir ao aluno assumir posições diante dos problemas enfrentados no dia a dia, na família, na escola, no trabalho, nas instituições que poderá participar, aumentando seu nível de consciência crítica sobre as responsabilidades, os direitos sociais, a fim de efetivamente ser um agente ativo e transformador na sociedade atual.

Isso mostra que é necessário buscar alternativas para romper com as dificuldades encontradas, tornando a aula mais instigante e interativa, para que os alunos se percebam como atuantes no espaço geográfico em que vivem, criem autonomia, problematizem e busquem soluções viáveis para os problemas que os cercam.

Algumas práticas pedagógicas para a disciplina de Geografia, atreladas aos fundamentos teóricos já citados, tornam-se importantes instrumentos avaliativos para o entendimento do espaço geográfico, dos conceitos e das relações socioespaciais nas diversas escalas geográficas, tais como: fichas de acompanhamento, autoavaliação, avaliação em grupo, reflexões sobre erros e acertos do aluno e do professor, portfólios, mapas conceituais, croquis, relatórios, diálogos, imagens (fotos e/ou mapas, ilustrações, gráficos) leitura e interpretação de textos, (jornais, revistas e livros seguidos de questões que desenvolvam as habilidades de interpretação, argumentação e método investigativo), infográficos, leitura de imagens, diferentes linguagens (música, poesia, fotografia, quadrinhos, pinturas, entre outros) para desenvolver a observação e a interpretação das informações apresentadas, aula de campo, entrevista com moradores, maquetes, murais, análise de fotos antigas, filmes, trechos de filmes, programas de reportagem e imagens em geral, slides, charges, ilustrações, jogos pedagógicos, recursos áudio visuais, pôsteres, cartões postais, outdoors, cartografia, literatura, obras de arte, dentre outros.

Sob essa perspectiva, toda prática de avaliação formativa deve levar em consideração todo o processo educativo e não somente os resultados; reconhecer que é sempre parte do processo educacional, escolar e da sala de aula; promover observações, reflexões, registros e discussões aprofundadas e qualificadas dos problemas (origens, causas e consequências); estimular a busca por outros instrumentos avaliativos e finalmente se ater aos resultados encontrados para, assim, reformular e organizar as possíveis soluções, reorientando a prática pedagógica em sala de aula.

Em suma, este texto pretende em consonância com a prática docente, contribuir para que a avaliação formativa em Geografia se torne um instrumento para a construção e reconstrução do conhecimento geográfico.

O resultado da avaliação formativa deve proporcionar informações que permitam a reflexão sobre a ação pedagógica, contribuindo para que a escola e o docente possam reorganizar os conteúdos, os instrumentos avaliativos e o método de ensino. A avaliação formativa exige observação, registro, reflexão e intervenção pedagógica. Nesse sentido, o portfólio é um instrumento que mobiliza os educandos para essa compreensão, pois, para construí-lo, necessita-se de uma profunda reflexão sobre as atividades realizadas e sobre os momentos oportunizados pelo docente no ambiente escolar.

Logo, cabe à geografia escolar possibilitar ao aluno descobrir o mundo, atentando para os fenômenos geográficos em escala que vai do local ao global e vice-versa. É preciso vencer essas dificuldades para tornar significativo o contexto das aulas de Geografia para os alunos, sendo que a ciência geográfica, por tratar diretamente com a realidade, possibilita ao docente trabalhar com os mais variados temas e conteúdos na escola, identificando aquilo que é realmente significativo de ser avaliado para cada faixa etária, organizando as ações metodológicas e definindo as práticas avaliativas mais pertinentes para o trabalho pedagógico.

A avaliação no ensino de Geografia deve favorecer a observação, o acompanhamento, o desenvolvimento e a aprendizagem do educando, ou seja, deve situar-se no centro da ação de formação, informando tanto ao educador como ao educando dos resultados reais do trabalho pedagógico. A avaliação escolar só tem sentido se tiver como finalidade o desenvolvimento individual dos educandos em todo o processo pedagógico para que, identificadas às causas do sucesso ou do fracasso, sejam estabelecidas novas estratégias de enfrentamento da situação.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **O Novo Espírito Científico**. São Paulo: Contraponto, 1996.
- BACK, Sylvio. Filmando o Contestado. In: FRAGA, Nilson Cesar. (Org.) **Contestado em Guerra: 100 anos do massacre insepulto do Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.
- BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. **Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTRAND, Claude; BERTRAND, Georges. **Uma Geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Maringá: Ed. Massoni, 2009.

- BROUSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007. p. 17-78.
- CARNEY, George O. Música e Lugar. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007. p. 123-150.
- CESAR, Constança Marcondes. **Bachelard: ciência e poesia**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. Literatura, Música e Espaço: uma introdução. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007. p. 7-16.
- FEITOSA, Márcia Manir Miguel. A Expressão do Lugar em Sophia de Mello Breyner Andresen: a poética do Mar em Portugal. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- FRAGA, Nilson Cesar (Org.). **Contestado: o território silenciado**. Florianópolis: Insular, 2009.
- FRAGA, Nilson Cesar. Contestado: a grande guerra civil brasileira. In: REZENDE, C. J.; TRICHES, I. (Org.). **Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Ed. Bagozzi, 2005. p. 228-255.
- FRAGA, Nilson Cesar. **Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado: uma abordagem acerca da Formação Territorial no Sul do Brasil**. 2006. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Paraná.
- FRAGA, Nilson Cesar. Território e Silêncio: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico. In: FRAGA, Nilson Cesar (Org.). **Territórios e Fronteiras: (re)arranjos e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2011.
- FRAGA, Nilson Cesar. Território, Região, Poder e Rede: olhares e possibilidades conceituais de aproximação. **Curitiba: Relações Internacionais no Mundo Atual**, ano 7, n. 7, p. 9-32, 2007.
- FRAGA, Nilson Cesar. **Vale da Morte: o Contestado visto e sentido “entre a cruz de Santa Catarina e a Espada do Paraná”**. Blumenau: Hemisfério Sul, 2010.
- FRAGA, Nilson Cesar; LUDKA, Vanessa Maria. **100 anos da Guerra do Contestado, a Maior Guerra Camponesa na América do Sul (1912/2012): uma análise dos efeitos sobre o território sul-brasileiro**. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/09-N-Fraga.pdf>> Acesso em: 01 set. 2012.
- HISSA, Cássio Eduardo V. **A Mobilidade das Fronteiras: as inserções da Geografia na crise da modernidade**. 2 reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- JUNKES, Lauro. **A narrativa cinematográfica: introdução à linguagem e estética cinematográfica**. Florianópolis, 1979.
- LIMGER. **Espectáculo “O Contestado” volta aos palcos**. 2012. Disponível em: <<http://www.organizacoeslimger.com.br/noticias.php?id=2>> Acesso em: 09 nov. 2012.

- MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005
- MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 7-26, jan./jun. 2010.
- MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena B. Geograficidade, Poética e Imaginação. In: _____; _____. **Geografia & Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010. p. 7-15.
- MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.
- MARANDOLA, Janaína de Alencar M. e S. **Caminhos de Morte e de Vida: o geográfico e o telúrico no Rio Severino de João Cabral de Melo Neto**. Londrina: Eduel, 2010.
- MARANDOLA, Janaína de Alencar M. e S. O Geógrafo e o Romance: aproximações com a cidade. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 31, n. 1, p. 61-81, jan./abr. 2006.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira – 1928/1991: uma introdução à geografia humanística**. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MOTA, Mauro. **Geografia Literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.
- OLHAR CONTESTADO. ... **olhar contestado** 2012. Disponível em: <<http://www.contestado.org/>> Acesso em: 06 nov. 2012.
- OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Lugares Geográficos e(m) Locais Narrativos: um modo de se aproximar das Geografias de Cinema. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SCHÜLER, Márcia Elizabete. Inquietações de uma alma brasileira no Contestado. In: FRAGA, Nilson Cesar. (Org.). **Contestado em Guerra: 100 anos do massacre insepulto do Brasil**: Florianópolis: Insular, 2012.
- SEEMAN, Jörn. Arte, conhecimento geográfico e leitura de imagens: O geógrafo, de Vermeer. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2009.
- SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, São Paulo, ano 7, v. 76, p. 327-332, jul. 1949.
- SILVEIRA, Heitor M. O Sentimento na Música: o sertão nordestino de Luiz Gonzaga em Asa Branca. **Geograficidade**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, verão 2014. [nota].
- SOARES, Maria Lúcia de Amorim. In: GRATÃO, Lúcia Helena B.; MARANDOLA JR., Eduardo. (Orgs.). **Geografia & Literatura: ensaios de geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010.

SOARES, Maria Lucia de Amorim. Grafias Urbanas: A Cidade de Vidro de Paul Aster. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

TOCA. **Trajetos do Grupo Toca**. 2010. Disponível em: <<http://tocauniversitario.blogspot.com.br/2010/06/trajeto-do-grupo-toca.html>> Acesso em: 06 nov. 2012.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: the place of imagination on Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 37, n. 1, p. 1-16, mar. 1947.